

Relações de poder e símbolos construídos no romance Marysa, de Leonor Castellano, em meados do século XX, em Curitiba.

Lorena Zomer*

RESUMO: Esse artigo compreende gênero sob um enfoque histórico cultural, e ainda, um movimento social no espaço curitibano do século XX. Leonor Castellano é uma escritora inserida nos meios intelectuais, fundadora do Centro de Letras e Centro Feminino Paranaense de Cultura. Começou a escrever a partir da década de 20 em pequenos artigos na Gazeta do Povo, um tempo que presencia o Positivismo, a revolução urbana, a República Velha, um feminismo crescente. Por meio de ensaios, colunas e romances é possível encontrar personagens literários que representam discursos sobre esse tempo.

Palavras chaves: gênero, feminismo e literatura.

ABSTRACT: This article includes a gender focus in cultural history and also a social movement in spaces “curitibanos” of the twentieth century. Leonor Castellano is a writer in the media inserted intellectual, founder of the Center for Arts and Culture Center of Women Paranaense. She began to write from the decade of 20 in small articles in the Gazeta do Povo, a time that there was a presence of the positivism, the urban revolution, the Old Republic, a growing feminism. Through essays, columns and novels can be found literary characters and they represent talk about that time.

Key words: gender, feminism and literature.

Leonor: uma mulher paradoxal?

O presente trabalho propõe a análise do contexto curitibano de 1930 a 1969, em busca dos papéis da mulher, principalmente no meio intelectual, considerando a literatura como um meio de propagar informações dessa sociedade. Apesar de ser uma recriação, a literatura está veiculada de idéias do autor e de seu tempo. Nesse sentido a literatura é abordada através da produção literária de Leonor Castellano, como ensaios, biografias e um romance.

Pretende-se resgatar¹ uma escritora e obras esquecidas, para também, fazer reviver e recuperar a singularidade de Leonor, enquanto personalidade e trajetória (FERREIRA, 2003). Ver de que forma ela expressa em seu tempo, a presença feminina, aliás, presenças, pois Leonor escreve sobre várias mulheres, sendo a busca não só por quem seriam elas, mas problematizar sua educação, religião, onde e como atuaram.

Em 1930, os ideais republicanos com a reorganização educacional e social acabam por adotar os novos papéis femininos no mercado de trabalho, mesmo que ainda não aceitando a participação cívica, ao mesmo tempo em que o jacobinismo julgava a mulher profissional apenas uma ridicularização da coisa pública. Não obstante, havia o feminismo crescente, com

* Mestranda em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina.

¹ FERREIRA, Célia. Resgate de escritoras e revisão de literatura In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. **Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura** – Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul:

suas novas reivindicações por direitos iguais aos homens, embora admitindo papéis tradicionais da mulher, como ressalta a biografia daquela que propõe a multidisciplinaridade das experiências femininas de meados do século XX na burlesca Curitiba.

Os limites entre público e privado foram modificados, entre os séculos XIX e XX, isso devido à chegada da mulher ao ensino superior, à conquista de voto e à atuação na vida profissional. No cenário curitibano de Leonor Castellano, havia uma pluralidade de papéis femininos, em geral, de acordo com a sua classe social. As principais ocupações eram em confeitarias, livrarias, lojas, salões, bares, indústrias, trabalhos de rua e escritórios² (GANZ, 1997). Algumas já possuíam diploma na área de Direito, Medicina, Ensino.

As famílias numerosas enviavam seus filhos para o trabalho, para que sendo homens constituíssem uma profissão. Porém, quanto às mulheres, muitos pais somente permitiam que suas filhas trabalhassem para comprar seu enxoval, roupas e ajudar na festa do casamento. Ou seja, a fábrica era uma extensão de casa, o patrão era seu “pai”.

Ao mesmo tempo, na *Gazeta do Povo* havia uma coluna chamada “Mantenha sua Juventude”, de Josephine Lowman, em que a mulher era aconselhada sobre como manter sua casa em ordem, beleza, educação de filhos e como cuidar do marido. Conselhos presentes também na “Escola da Felicidade”, um curso fornecido para futuras esposas e mães. Essa mesma escola propagou reportagens³ na capital, sobre o aumento no número de divórcios, devido à falta de preparo das donas-de-casa.

Os papéis femininos eram plurais. Nesse contexto que demonstra tanto conquistas como retrocessos, Leonor convive, designando o papel (ou papéis) ideal da mulher envolto em diferentes escritos e relações de poderes.

Na década de 1930 acontece a abertura da Nova República. Curitiba, que já havia presenciado a disputa de poder entre a Igreja e o Positivismo⁴ e a urbanização durante a República Velha (TRINDADE, 1997), assiste ao recuo do positivismo, fortemente influenciado por Emiliano Pernetá⁵. Porém nos estudos sobre a CEUC⁶, Ana Paula Vosne

EDUNISC, 2003, p.73-78.

² GANZ, Ana Maria. Vivências e falas: trabalho feminino em Curitiba, 1925-1945 In: TRINDADE, Etelvina M. de Castro, MARTINS, Ana Paula Vosne. **Mulheres na História**: Paraná – Séculos 19 e 20 – Curitiba: UFPR, 1997, p.96.

³ Prepara futuras esposas a “Escola da Felicidade”. O Estado do Paraná, 15 nov, 1952. Apud In: TRINDADE, Etelvina M. de Castro, MARTINS, Ana Paula Vosne. **Mulheres na História**: Paraná – Séculos 19 e 20 – Curitiba:UFPR, 1997, p.160.

⁴ TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Augusto Comte e a Mulher**: o feminismo na Primeira República In.: **Mulheres na História**: Paraná – Séculos 19 e 20, 1997.p.57.

⁵ Emiliano Pernetá: considerado o maior poeta simbolista paranaense (1866-1921).

Martins mostra essa continuação na *década de 50*:

Para mim a vida é amor, beleza, alegria... Pessoalmente creio que a felicidade consiste em amar e ser amada, ter filhos fortes e inteligentes e fazer de meu lar um mundo de ternura. (MARTINS, 1997:202)⁷

Nesse contexto, o presente trabalho mostra-se importante não só porque Leonor foi uma mulher notável, mas pergunta-se se essa mulher trouxe à tona a complexidade e as relações de sua sociedade, de limites poucos respeitados, e por vezes ultrapassados, entre público e privado.

Para entender as apropriações do feminismo, das reivindicações femininas em Leonor é preciso ver sua história social, seu contexto e hábitos, assim como, construir os sentidos de suas idéias na descontinuidade das trajetórias históricas vividas. Então poder-se-á compreender o que Castellano almejava, talvez, de si e do mundo que ela representava em sua “experiência fenomenológica”⁸. É necessário observar a biografia dessa mulher.

O retorno à tal fonte foi, uma pressão das historiadoras feministas, visto que as fontes são escassas ou mal utilizadas, devido às mulheres não terem praticado as atividades “dignas” e pelo baixo número de alfabetização. Segundo Perrot⁹, “[...] a mulher é a guardiã das memórias, ela é o cerne de uma casa, e através de seu comando, tudo acontece”. É possível, então, afirmar que a biografia é uma ferramenta em que transparece as experiências históricas sociais, nos mundos privados e públicos. Soihet lembra em seu artigo uma pergunta de Virginia Woolf, feminista da década de 20, sobre o lugar da mulher na sociedade: “o que estavam fazendo nossas mães que não tiveram nenhuma riqueza para nos legar”? Woolf mesma afirma que não receberam nada, porque às mulheres era destinado somente o mundo doméstico¹⁰.

Porém, essa mesma escritora foi uma das precursoras a defender as reivindicações femininas por meio da literatura. Em 1920 travou uma discussão¹¹ por semanas, nos meios jornalísticos, com Desmond MacCarthy. Nesta, MacCarthy revela que a obra discutida retrata

⁶ CEUC: Casa da Estudante Universitária de Curitiba.

⁷ MARTINS, Ana Paula V. *Memórias Femininas* In.: TRINDADE, E. M.C.; MARTINS, Ana Paula V. **Mulheres na História**: Paraná – Séculos 19 e 20 – Curitiba: UFPR, 1997.p.202.

⁸ CHARTIER, Roger. **A beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes – Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. p.61-81.

⁹ PERROT, Michelle. **Práticas da memória feminina** – Revista Brasileira de História, 1989, p.13.

¹⁰ WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu** – Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985. P.29-32.

¹¹ Essa discussão retratou-se em seu livro *A Room of one's own*, em 1929.

a inferioridade feminina já sabida por todos; Woolf responde alegando que os últimos séculos produziram mulheres realmente notáveis, e, ainda, que a educação e a liberdade seriam os meios pelos quais as mulheres se igualariam aos homens¹².

Há o caso da consagração em vida da escritora Júlia Lopes Almeida no século XIX e meados de XX, reconhecido por José Veríssimo devido ao seu sucesso como escritora, o qual não aconteceria se ela não tivesse a virilidade masculina. Diante disso, afirma-se que a mulher para participar do mundo público ou deveria influenciar seu marido em casa, ou mostrar-se, no caso de Júlia Almeida (como ela declarou¹³), como boa escritora, depois de seu trabalho doméstico pronto.

Assim, pensa-se como era e como se desenvolveu o meio intelectual de Leonor. Nele, essa mulher não era só uma intelectual ou uma mulher notável, mas uma cidadã participante - cuja literatura demonstra - crítica do ambiente em que vive. O feminismo estava explícito e implícito nos escritos de Leonor, enquanto sócia Fundadora do Clube Soroptimista de Curitiba, do qual foi Presidente; presidente perpétua do Centro Feminino Paranaense de Cultura; fundadora e presidente do Círculo de Estudos S. Agostinho; sócia fundadora da Arregimentação Cívico Eleitoral Feminino “ARCEF”; presidente da Associação de Proteção à Jovem, filiada a obra Internacional, de 1963 a 1966¹⁴, entre muitas outras ações. Enfim, rastros e indícios que apontam para a dinâmica experiência social dessa intelectual.

Leonor Castellano escreveu dois artigos no ano de 1924 na Gazeta do Povo¹⁵ que defendem os direitos da mulher e o feminismo. Contudo, de forma paradoxal, ao fim do texto alegou que ao mesmo tempo em que a mulher tem os direitos conquistados, continuará sendo a “[...] educadora dos cidadãos da pátria”¹⁶. Há ainda o ensaio escrito por ela, em 1953, o qual era uma homenagem ao 7º Centenário da morte de Santa Clara de Assis. Nesse, claramente diz que o lugar da mulher era: “[...]vivamos simples e sem baixeza, altivas e sem soberba, meigas e firmes, amigas do nosso lar e de nossa igreja”¹⁷. Mariana Coelho¹⁸, colega de Leonor no Centro de Letras, também foi homenageada por ela da seguinte forma:

¹² GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e Gênero** – Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 24-26.

¹³ Entrevista concedida a João do Rio. “Um lar de artistas”, apud SOIHET, Rachel, 2003, p.33-48.

¹⁴ Trecho copiado da Revista do Centro de Letras do Paraná, nrs. 27-37, anos 1967/1971, vols. 67-71, p. 56.

¹⁵ Arquivo Gazeta do Povo, Museu Paranaense, 1924.

¹⁶ Artigo: “Vagina literária” mês 2 número 1489, volume 0, Gazeta do Povo, 1924.

¹⁷ CASTELLANO, Leonor. **Mensagem de Santa Clara de Assis às mulheres** – Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1953, p.26.

¹⁸ Mariana Coelho era feminista portuguesa radicada em Curitiba. Ali participou da vida cultural, foi professora e diretora de escola. Deixou contos, ensaios de história literária e sobre o feminismo, tradução. Ver SOUTO-

“[...] defensora dos mais puros ideais femininos”; e em relação a sua obra *Emancipação do sexo feminino* (1933): “[...]completa, rica, empolgante, é documentária, é um tesouro de ideais e de ensino”¹⁹.

Esses são três, dos mais de 25 ensaios de Leonor Castellano. Através deles é possível analisar algumas das diversas “identidades” desta escritora em uma “trajetória” profissional de cerca de 40 anos, aonde ela assumiu diferentes papéis sociais, estrategicamente ou não²⁰. Deve-se pensar, também, que Leonor não escreveu somente para pessoas da sociedade intelectual, ou mesmo só sobre eles. Por oito anos ela foi diretora e membra do conselho de duas páginas da revista *Correio dos Ferroviários*, chamadas “Página Femminina” e “Infantil” revista essa que chegava às mãos de engenheiros, ferroviários, mulheres, provavelmente não unicamente do mundo intelectual comum a Leonor.

Muitos eram os tipos de escritos e experiências de Leonor. Pensa-se assim, pois um indivíduo não tem uma identidade unidimensional²¹, mas diversas interpretações e experiências ao longo da sua vida. Essas podem imitar ou nortear modos de conduta e de ação, por assimilação da sociedade em que os indivíduos convivem. Essa ação estratégica trata-se, também, de uma multiplicidade de experiências que se baseiam nas complexas relações²².

No tocante ao contexto, durante a primeira República, o pensamento positivista era bastante notório em Curitiba. Nele, o ideal de mulher era que o sexo feminino era inferior e nobre. Ainda, à mulher cabia o papel de altruísmo²³, pelo qual se anularia para que o homem se elevasse na sociabilidade, e ela, por sua vez, receberia o grau de subordinação necessário²⁴.

Nesse modelo havia a possibilidade da intelectualidade e das artes às mulheres, ainda que houvesse o paradoxo da figura de Leonor, e de muitas outras mulheres, dividida entre a intelectualidade e função de dona-de-casa e educadora dos futuros cidadãos, mesmo com os

MAIOR, Valéria A. **O florete e a máscara**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2001.

¹⁹ CASTELLANO, Leonor. Mariana Coelho *In*: Revista do Centro de Letras n.º 13, 1º Trimestre de 1955, p. 93.

²⁰ HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história** – São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1992.

²¹ CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais** – Bauru: EDUSC, 2002.

²² HELLER. Op.cit, 1992.

²³ O altruísmo seria uma nova sociedade sem Deus, na qual a mulher à la Clotilde de Vaux era comparada à Virgem, porém essa “religião” era atéia, o que fazia com que a Igreja competisse com a República TRINDADE, Etelvina Maria de Castro, 1997.p.50-57.

²⁴ CARVALHO, J. M. . **A Formação das Almas. O Imaginário da República**. SAO PAULO: CIA. DAS LETRAS, 1990.0.p.75-96.

novos direitos adquiridos. Nesse sentido, Leonor, desde o início até meados do século XX, revelava-se como uma intelectual que conhecia diversas teorias, ainda que também atuasse nos trabalhos do lar.

Percorrendo os caminhos de Leonor

A partir do momento em que não ocorre mais uma centralidade histórica do sujeito, a historiografia trouxe à tona uma multiplicidade de histórias, isto é, uma pluralidade de protagonistas, deixando de lado os métodos totalizadores e positivistas²⁵.

A utilização e abertura de novas possíveis fontes para a pesquisa, com a crise dos paradigmas históricos, deu origem, entre tantas, às literaturas impressas, sejam de viagem, romance, diários, cartas, biografia, jornais²⁶, como documentos de pesquisa. Assim, a utilização da biografia e bibliografia de Leonor aponta não apenas sua singularidade, mas trajetórias, personalidades e contexto²⁷. Um caminho onde sua vida pessoal e profissional e que são trazidos à tona através de seus ensaios.

Na busca dos papéis e problematização das condições femininas, a literatura passou a ser utilizada, enquanto fonte na América Latina, a partir do início de 1970. É nesse sentido que literatura de Leonor foi pensada como fornecedora de uma simbologia²⁸, de arquétipos e de estereótipos muitas vezes postos nas entrelinhas.

Personagens literárias ou não, as vozes podem demonstrar a multiplicidade de experiências que Leonor achava correto, isto é, permitem observar diversos espaços e modelos femininos, além de retratar um tempo que deu força e reflexo aos seus personagens. A literatura enquanto fonte tem sido buscada para um mapeamento de âmbitos regional e nacional, para análises críticas das obras²⁹. Rer ler essas obras não são apenas atos de estudos literários, mas sim, estudos de gênero que apontam papéis sociais construídos nos escritos de Leonor. Desconstuir Leonor enquanto personagem, narradora e autora, é também problematizá-la em uma perspectiva de gênero.

²⁵ MATOS, M. Izilda S. **Por uma história da mulher**. São Paulo: , 2000, p.19.

²⁶ Além da facilitação para a compreensão dos estudos feministas, documentos como cartas, foram englobados nas pesquisas sobre história da leitura. Para isso, ver Roger Chartier.

²⁷ BORGES, Vavy P. Grandezas e misérias da biografia In.: PINSKY, C. B. (org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 203 – 232.

²⁸ PASCATELLO, Ann (ed.). Female and make in Latin American, apud SAMARA, Eni de M. Gênero e construção do simbólico da literatura In: **Revista Acervo**. Rio de Janeiro, v.9 n° 1-2, jan.dez.. 1996, p. 125-135.

²⁹ GOTLIB, N. B. . A literatura feita por mulheres do Brasil. In: Izabel Brandão; Zahidé Muzart. (Org.). **Refazendo nós**. Florianópolis/Sta Cruz do Sul: Editora Mulheres/Florianópolis e Editora Edunisc/Sta. Cruz do

Afirma-se isso buscando a representação da mulher e do homem , ou seja, a partir das representações busca-se encontrar as identidades femininas estabelecidas naquele tempo, oportunidade essa de saber a relação entre os âmbitos privado e público da mulher³⁰. Gênero busca as relações de sociabilidade entre homens e mulheres – Leonor escreve sobre mulheres, mas, mesmo que pouco, sobre homens também – portanto, Gênero é aqui utilizado como um pressuposto metodológico, para compreender a relação entre ambos os sexos que Leonor instituía através de seus trabalhos.

Ainda, não há como compreender um indivíduo sem estudar o seu contexto. É através dos movimentos individuais que se mostra que uma temporalidade não é homogênea, ou seja, há práticas culturais diversas, assim como, conflitos³¹. É necessário ver a sua rede de relações, pois o indivíduo só existe dentro dela, através de condicionamentos sociais. Leonor como qualquer outra pessoa, estava sujeita aos movimentos sociais, mas havia um movimento intenso entre as suas ações e o contexto social no qual ela estava imerso: no fluxo contínuo ela tentava expressar sua subjetividade.

Os livros, periódicos e revistas, oferecem pistas e indícios diante de uma identidade que parecia ser múltipla embora una em um corpo feminino. Uma mulher que rompia padrões comportamentais, mas que também acabava reforçando estereótipos.

É sabido que a identidade dos sujeitos se metamorfoseia durante o tempo. Leonor, assim, se assemelhava a um híbrido, tais como os seus escritos parecem apontar. Uma mulher de identidade plural com escritos também plurais, mas que ao aceitar algumas reivindicações feministas como ideais, torna-se uma mulher diferente de muitas outras do seu tempo.

Referências

ALVAREZ, Marcos C.; MISKOLCI, Richard; SCAVONE, Lucila (org.). **O legado de Foucault** – São Paulo: Ed. Da UNESP, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo** – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BORGES. Vavy P. Grandezas e misérias da biografia *In.*: PINSKY, C. B. (org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 203 – 232.

CARVALHO, J. M. . **A Formacao das Almas. O Imaginário da República**. SAO PAULO: CIA. DAS LETRAS, 1990.

CHARTIER, Roger. **A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes** – Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais** – Bauru: EDUSC, 2002.

Sul, 2004, v. , p. 19-72.

³⁰ MATOS. Op.cit. 2000, p. 14.

³¹ BORGES. Op.cit.2005, 203 – 232.

COELHO, Mariana. **A evolução do feminismo**: subsídios para a sua história. Org. Zahidé L. Muzart. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e Gênero** – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história** – São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1992.

MATOS, M. Izilda S.. **Por uma história da mulher**. São Paulo: 2000. v. 1.

MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org.) **Escritoras brasileiras do século XIX**. Antologia. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

_____. BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. **Refazendo nós**: ensaios sobre mulher e literatura – Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

PERROT, Michelle. **Práticas da memória feminina** – Revista Brasileira de História, 1989.

SOIHET, Rachel. Mulheres e Biografia. Significados para a História *In.*: **LOCUS: revista de História** – Juiz de Fora: EDUFJF, 2003.v.9, n.1.

SOUTO-MAIOR, Valéria A. **O florete e a máscara**. Florianópolis: Editora Mulheres, 200.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias**: mulheres de Curitiba na Primeira República – Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

TRINDADE, Etelvina M. de Castro; MARTINS, Ana P. Vosne (org.). **Mulheres na História**: Paraná – Séculos 19 e 20 – Curitiba: ED. UFPR, 1997.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu** – Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.